

OFICINA DE POESIA

inéditos de:

António Alves de Almeida
Armando Sales Macatrão
Camila Vardarac
espinalMedula
Feliciano de Mira
Francisco Norega
João Miguel Henriques
Manuel Silva-Terra
Porfírio Al Brandão
Rose Barboza
Rui Tinoco
Susana Noronha

imagem:

Eduardo Conceição
Filipe Cravo
João Luís Pinho
Rui Silva

PROGRAMA

"POETAS EM RESIDÊNCIA"

DA UC - 2010

ANNA RECKIN (INGLATERRA)

JONH MATEER (ÁFRICA DO SUL / AUSTRÁLIA)

revista
OFICINA
de
POESIA

N.º 14
série II

COIMBRA

2 0 1 0

Ficha Técnica

Directora Subdirector	Graça Capinha Jorge Fragoso
Conselho de Redacção	bruno santos, Cristina Néry, Graça Capinha, Jorge Fragoso, rita grácio, Teresa Fonseca
Conselho Editorial	aNa B, Ângela Canez, Ângela Filipe, Ana Filipa Maia, Bianca Franco de Sá, Carlos Pittella, Catarina Costa, Conceição Riachos, daniel matos, emiliana cruz, Fátima Almeida, Filipe Cravo, Gisele Wolkoff, João Guimarães, João Rasteiro, João C. Santos, L. Altério, Léa Barreau- Tran, Licínia Regateiro, Liliana Vasques, Luciana Silva, Margarida Amorim, Miguel Monteiro, Nelson Filipe, Nuno Caldeira, Paulo Pego, Rute Oliveira; sandra guerreiro, Sandra GD, Sílvia Clemente
Colaboração especial	Anna Reckin, António de Almeida, Armando Sales Macatrão, Camila Vardarac, Eduardo Conceição, espinalMedula, Feliciano de Mira, Francisco Norega, João Miguel Henriques, João Luís Pinho, John Mateer, Manuel Silva-Terra, Porfírio Al Brandão, Rose Barboza, Rui Silva, Rui Tinoco, Susana Noronha
Propriedade Edição	Oficina de Poesia e Terra Ocre - edições Palimage
Capa	<i>River</i> ; de Eduardo Conceição
Apoio	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Reitoria da Universidade de Coimbra CES – Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra
Contactos	Palimage: Apartado 10 032 3031-601 Coimbra Tel. / Fax 239 087 720 palimage@palimage.pt www.palimage.pt
ISSN	1645-3662
Depósito Legal	222090/06
Execução Gráfica	Palimage / Artipol



Oficina de Poesia

revista da palavra e da imagem

Palimage
A Imagem e A Palavra



&ditorial “Ó Pê # ‘ca Torze

que tu me saíste!”

Número #14 da Revista *Oficina de Poesia*.

Depois de um número especial (#13) inteiramente dedicado ao labor(atório) das oficinas de escrita nas escolas, voltamos neste número ao que vem sendo o formato “habitual” da revista, ainda assim o mesmo carácter de oficina outra, ainda assim os mesmos outros caracteres da escrita, ainda assim o mesmo laboratório outro oficial da caligrafia outra __

Poetas em poema em poetas em poema em poetas:

part_&cip_ações.

Contamos neste número com a colaboração especial de Anna Reekin (Inglaterra) e John Mateer (África do Sul / Austrália), *colaborador&colaboradora* desta e de outras iniciativas comuns à *Oficina de Poesia* sob o tecto do “Programa de Poetas em Residência” (Universidade de Coimbra & Câmara Municipal de Idanha-a-Nova) __

Como poetas convidados contamos com a presença de Feliciano de Mira . Porfírio Al Brandão . Rui Tinoco (todos eles “repetentes”) ; e de Armando Sales Macatrão . Camila Vardarac . espinalMedula . João Miguel Henriques . Manuel Silva-Terra (todos *eles&ela* a publicar pela primeira vez na revista) __

Colaboram também neste número poetas que participaram no Curso

Avançado de Escrita Criativa realizado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra em Março do ano passado (2009). Parafrazeando Cesariny: “cada um/uma com o nome que lhe toca”: Ana Filipa Maia . António Alves de Almeida . Francisco Norega . Rose Barboza . Susana Noronha __

Há ainda que apontar a participação *dos&das oficineiros&oficineiras* da OP, desde *os&as* que se encontram neste momento geograficamente afastados/as das sessões mas que continuam a manter ligação à *Oficina de Poesia* até à(o)s elementos recém chegados/as (via curso livre OP,, FLUC) __

À mistura com os textos verbais há textos pictóricos da autoria de Eduardo Conceição (desenho e fotomontagem) . Filipe Cravo (fotomontagem) . João Luís Pinho (fotografia) . Rui Silva (fotografia) __

Alegações finais.

A *Oficina de Poesia* tem como segundo nome próprio “revista da palavra e da imagem” e é assim que a sua mãe lhe chama quando se zanga com ela. Já os amigos tratam-na por “revista da imagem e da palavra”. Isto é revelador, já que, às vezes, numa dada fase de crise existencial ou de existencial êxtase, a *Oficina de Poesia* é da palavra e da imagem e da imagem e da palavra tudo ao mesmo tempo, *avant-lettre*, que é como quem diz, *à frente da letra* _____

fevereiro de 2000 & 10

bruno santos



A grande invasão... ou não!

João Luís Pinho

Anna Reckin

Circum-

Under lap, jug's lip

crescent moon's lost edge,

the slow sweep of a tendril –

sway, touch, climb, bind

day or days long –

We see what horizons?

Estuary patterns: old and new channels, reticulations in sand.
She listens hard to the shell against her ear

Anna Reckin

Circum-

Líquido jorra, lábio do jarro

fimbria perdida do quarto crescente

a volta lenta de uma gavinha –

baloíça, toca, cresce, prende

num dia ou dias –

Vemos que horizontes?

Padrões de estuário: velhos e novos canais, reticulações de areia. Ela tenta ouvir a concha que tem encostada ao ouvido

Tradução: Isabel Pedro dos Santos

Anna Reckin

Let's

the discipline of sounds gone

you the other side

– half, and half again

pennyworth of dimes

swam

song

Anna Reckin

Vamos

a disciplina de sons foi-se

tu o outro lado

– metade, e outra vez metade

centavos de real

a nado

canto de cisne

Tradução: Isabel Pedro dos Santos

Anna Reckin

Maze

There in the grocery store – chickpeas and chocolate –
she was telling me to be patient about getting lost:
to trust in the path to the centre, no matter
the setbacks, the mistakes.

But I turn aside where I am right now,
in amongst the hedges' tall green masses,
their tiny, close-set leaves

caught by a feather,

soft edges quivering,

a snatch of birdsong

two or three layers further in

Anna Reckin

Labirinto

Lá na mercearia – grão-de-bico e chocolate –
ela dizia-me para ter paciência com o perder-me:
confiar no caminho para o centro, apesar
das contrariedades, dos erros.

Mas eu desvio-me onde estou agora mesmo,
no meio do verde volumoso das sebes altas,
as folhas minúsculas, juntinhas

atingidas por uma pena,

frémito de bordos frágeis
um súbito canto de pássaro
duas, três camadas adentro

– like noticing the quick (so quick) turn of your head

when I touch your shoulder:

one small arc

and then another

– that's how it goes

– é como reparar no teu rápido (tão rápido) virar de cabeça
quando te toco no ombro:

um pequeno arco
e depois outro

– é assim que é

Tradução: Isabel Pedro dos Santos

Anna Reckin

Mount Woolooma

If I say ‘presence’, that seems to be about the way you’re always here, always have been. Always, we think, will be. But really what I want to talk about is how you keep re-appearing. As if you could vanish, you who are continually in plain view, over the river flats, behind the white wooden cottages.

I walk down the field from the shearing-shed, towards the gate, past the two big gums where the kookaburras cackled to each other on my way up, and there you are, ahead of me. As I go along the neat station road at the bottom, towards the chapel and the homestead, I glance to my left and catch my breath again – in recognition. The blue-grey mass of you still there, as if flung against the sky, then let to settle, seep down into the land. As night comes on, you’ll capture the red in the sunset, glow like a coal.

Anna Reckin

O Monte Woolooma

Se digo “presença”, parece que falo sobre a forma como estás sempre aqui, sempre estiveste. Sempre, pensamos nós, estarás. Mas o que eu quero realmente é falar sobre como estás sempre a reaparecer. Como se pudesses dissipar-te, tu que estás continuamente à vista, sobre as margens planas do rio, por detrás das casas brancas de madeira.

Desço o campo desde a casa da tosquia em direcção ao portão, passando pelos dois eucaliptos altos onde as cucaburras cacarejavam entre si quando subi, e lá estás, à minha frente. Quando passo pelo caminho limpo do rancho ao fundo, em direcção à capela e ao casario, olho para a esquerda e respiro fundo outra vez – a reconhecer. A massa azul-gris que és tu ainda lá, como se atirada contra o céu e depois deixada assentar, infiltrar-se na terra. Com o chegar da noite, tomas a cor vermelha do ocaso, brilhas como carvão aceso.

I'm looking to remind myself, but each time you're different.
And it's more than 'play of light', or 'what is revealed'. The
rhythm of dip and rise and hollow, skyline and cliff-face
– the whole sound of you – changes. That's why I need to keep
on looking.

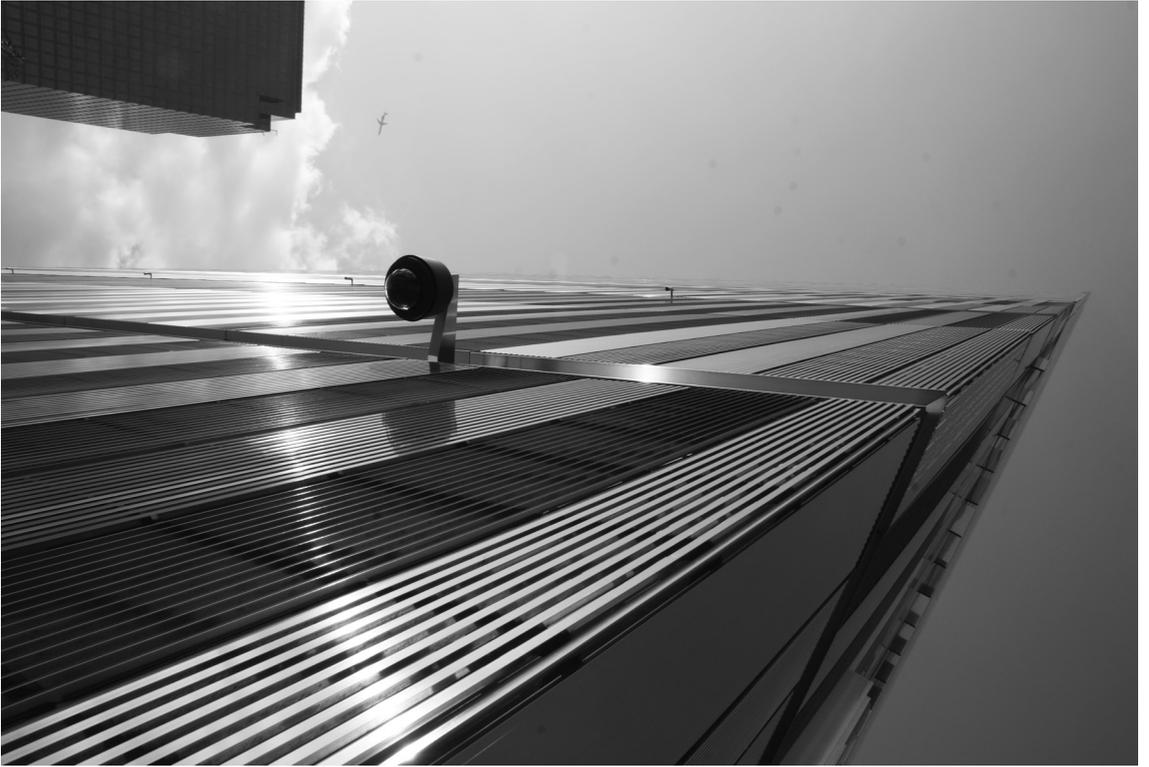
still and not-still, attends

Eu olho para me lembrar, mas de cada vez és diferente.

E é mais do que “jogos de luz” ou “o que é revelado”. O ritmo do baixar, subir, cavar, linha do horizonte e perfil de falésia – todo o som de ti – muda. É por isso que eu preciso de continuar a olhar.

ainda e ainda-não, atenta

Tradução: Isabel Pedro dos Santos



Rui Silva

Antônio Alves de Almeida

A TAL DA CASA

Ela, a tal da casa, era singular, como toda casa para quem nela reside.

Ela, a tal da casa, tinha uma especificidade: era para estudos brasileiros.

Ela, a tal da casa, tinha em seu interior os “outros”, que eram tão parecidos e tão diferentes.

Na tal da casa, que parecia atingir o céu, tão velha e com tantas histórias, havia pessoas tal como ela e ao mesmo tempo tão jovens. Eu penso que não era qualquer humano que nela entrasse, deveria ter qualidades especiais, como diplomas, conhecimento, sabedoria e outras coisas mais.

Na Casa-Maior, todos os humanos são iguais, mas alguns são mais iguais do que outros; mas na tal da casa, tenho a impressão que o humano é Uno.

Armando Sales Macatrão

Mecânica da luz

Indecifráveis mundos
os planetas, as luas,
os asteróides
e os fugidios cometas...

Admirável sintonia
de um relógio de sol.

Armando Sales Macatrão

Auto retrato ou A incerteza das coisas

Tento dissecar com o bisturi afiado de incerteza
a ideia de que não sou a unidade que intento ser.
Tento apreender a significação ontológica
daquilo que me é dado tocar, moldar, manipular
embora saiba que apenas ilusoriamente.
Mas perro fica o alcance da voragem dos sentidos
e estacam, definham os tentáculos do pensamento
que se emaranham, se recurvam e se fundem
em geométrico-metafísico rígido cristal.
As *coisas* não parecem ser coisas
parecem passagens... ruidosos eventos
de laivos de tempo que fingem materialidade.

Kant deve rir-se de mim. E acusa-me
de querer pisar o risco transcendental.
As *coisas* parecem não ser coisas...
Qual o *ser*, o *objecto*, o *material*
que se não transforme, se não descole,
se não disforme e se não possa desvelar?
Penetro no hermetismo das etéreas dimensões
– nos nexos errantes de esferas deslumbrantes:
é de véus a existência e até ascético é o devir.
Em nada ao certo vejo a que me possa cingir.
Interrogo-me para se enredarem os dogmas
em delirantes surtos de pavorosa incerteza.

Camila Vardarac

A noite não adentra insetos nem converte alvoradas

O homem que parecia Lenin (sem as roupas da revolução) caiu no *saloon*, como um *cowboy* que escorrega no líquido das suas humilhações após tomar um tiro de vodka na garganta.

A vida é faroeste, leste, norte, sul e no centro o homem tombado, entre dois retratos matadores, pensando como levantaria sem parecer fraco e patético ou pensando em qualquer coisa aleatória, porque esperar raciocínio coerente de um homem que está agarrado ao chão como se fizesse parte dele, é exigir demais.

E então, de dentro dos retratos eles sacaram as armas, enquanto Pancho ajustava o chapéu, Zapata precipitou-se em apertar o gatilho na direção da criatura estendida, porque *é melhor morrer de pé do que viver de joelhos* e aqueles joelhos já estavam entregues.

Camila Vardarac

Ginsberg de bolso

Quando teu Ginsberg de bolso
pulou do oitavo andar
para ensinar-te as lições do desapego
você
por desapego à vida (e não ao livro)
pulou também.

Aberto sobre o teu livro aberto
tipografia sanguínea
escorrendo entre os paralelepípedos
lirismos vermelhos surpreendendo
os rostos dos passantes
que arregalavam os olhos
mas tiravam fotos da tua anatomia sincera
teu corpo mais corpo do que nunca

Se você pudesse ver de fora
não acreditaria na quantidade de sangue
que te irrigava as idéias
sorriria levando as mãos à boca
depois aos ouvidos
quando chegasse a ambulância de altíssima sirene.

Camila Vardarac

O acrobata e a tentativa transcendental sobre a corda circular do [tempo

Ecoss o dia todo, palavras sem direção, como os braços de shiva, para atingir todos ou atingir ninguém. incômodo, como insetos no copo de leite, revestidos com a espessa nata do último lugar. olhos dentro do santuário, cujo portal é porta de vidro ofuscada pelo branco e lembra sempre que entre as entradas e saídas existe a palidez da incerteza e o risco tem a ver com percepção. dentro, tapetes empoeirados e nos cantos casacos que derretem todos os dias um pouco do bloco sólido de formol que envolve deus, que por sua vez não dança ao ritmo da fumaça *om namah shivaya / om namah shivaya* a alma inala prostrada diante da parede, formulando elipses para o alcance do nirvana meditacional, ainda que a posição lhe faça recordar castigo ou um cavalo de três patas à espera do sacrifício.

Camila Vardarac

Piazzolla

Buenos Aires
hora zero
piazzolla,
o que faz aí?
tá certo, têm algumas estrelas cadentes
mas...
o palco não combina melhor com os teus sapatos?
diga-me, piazzolla
quantas unhas são necessárias para arranhar o pescoço de um
[tango aflito?

o teu *bandoneon* exala fervor
e o fervor habita o céu e o inferno
cabe nas preces e nas súplicas
dos anjos barrocos em chamas
piazzolla!?
está rasgando tangos com os demônios celestes?
está deflorando notas com os pupilos de Lúcifer?
ao menor indício do teu som
libertinos viram seres alados
e os providos de asas sucumbem ao centro da terra
um brinde aos que te escutam
com a alma pelo avesso.



Rui Silva

TEXTOS IMPENSAMENTAIS

leu pouca presilha

apucazilh é uma palavra com problemas.

O Tiago, oculto aqui, não sonha vitelas
nem quase a pronúncia dêem precipitado.

Parece que o apocalipse leu pouca presilha, lá Tiago caíra:

apucazilh é uma palavra paraplégica,

(mesmo assim pestaneja um pouco estatelado lá em baixo),

foi Tiago, acordado agora,

não moverá vã

a brusco rebanho dêem a deambular *apucazilh*

espinalMedula

Entra

Emotiva o diariamente com cutelo do regime confia. Em opostos sim que reza o dom e fruto sobre que incendiásseis. Reinsere habilitada devasta a inseminação da centelha ao ponto ao máximo controlado de castelo a quem velando teve acesso aos filhos.

- Comove-me rir em si.
- É como *pão-deleite* para o céu.

A insubordinação regride ao sim abertamente. Seria como *pão-de-sê-lo* para as mãos se isso materializa subisse ao ritmo:

- **Atrai desenvolver.**
- Deixai estravagar a grande optimamente.
- **Atrai desenvolver.**
- Atrai desenvolver digo apropriar desejos.
- **Atrai desenvolver.**
- Atrai desenvolve que é sua.
- **Atrai desenvolver.**
- Atrai desenvolver de uno deixá-la-os empenhar.
- **Atrai desenvolver.**
- Atrai desenvolvimento que se criássemos bebés de quase impossível.
- **Atrai de salivar.**

Atraímos pró-gume do serem dois para dois como pão-de-mina às bocas e pazes. Tanto cinzentismo eram as mãos. Tanto velar pendiam nãos! Só o soco de papel acena e olha a plebe como se estivessem nus. Ainda hoje aconteceu augusta a exseminação ao velejar nos espacejamentos do leite:

- **Atrai desenvolver.**

- As margens dão para velejar como depende um bocadinho.

- **Atrai desenvolver.**

- Atrai velejar que acenos persegue as páginas.

- **Atrai desejei.**

- Atrai velejar com que velas passassem às viagens.

- **Atrai Deus desejei.**

- Atrai viajaremos fortemente que verde se prossiga.

- **Atrai velejemos.**

- Atrai a luta hipercantada “sim” inflama tributo que se expande
[e aplaude.

- **Entrai Deus velaremos.**

espinalMedula

O ABCESSO° NUNCA FIRA TOSHIBAS

Foi agora foi mais que me foi explicação foi da gorda.

/e senta-se com a garganta/

A língua é uma doença.

A líguéma doêçn°

a lin° u doéç°

alig° d° goéç° chocol^{at}

Foi agora abcesso foi quinto e nunca foi como fira cá Toshiba.

Um cura perto como sãs convertera

/e senta-se com a garganta/

serve de masca

só se conserve ver infecto do quinto termos de esperaria.

Pois temos!

Conta-lhe lá como foi a curto prazo.

Foi o ti Zé Carlos foi nunca mais que me foi caros foi do gordo.

/e senta-se com a garganta/

A língua é uma doêçn°

a lin° u doéç°

alg° d° goéç° chocol^{at}

a alng^a u duçe° othib^{as}

Feliciano de Mira

A Pasta Amarela

Mergulho os lábios na tua pele macia reescrevendo dois textos de 1989
Já passaram as noites em que vagueava sem destino
Pelo interior do estúdio da Rue Amelot perseguido por abutres alentejanos
Até que as flautas mágicas que me despertavam as lágrimas os afastavam.
Em Janeiro de 1992 quando entrei na segunda nave da saudade em Belo Horizonte
Desconhecia que a ausência que iluminaria a estrada exigia
Trajectos mais longos e dolorosos do que a chegada à terra do samba
Em Paris em 2003 estou à espera de recomeçar a aprender a observar
As coisas simples para as imitar à minha maneira e continuar
A navegar no mar cheio da luz da ressurreição.



João Luís Pinho

Al redor de San Lucar

Francisco Norega

A paisagem está a nascer,
mesurada pelo brilho dos punhais
de cada um.

A magnólia,
da sua chama das margens da páginas –
o resto fica, em cinzas.

Meus
passos.
Em cinzas,
o continente.
E cada um
fica.

João Miguel Henriques

Fundação

havia por ali castanheiros inesperados
denunciados pela existência dos seus frutos
aos magotes pelo caminho

parei por momentos numa área agradável:
clareira de teixos
segundo a nomeiam

e mais ao fundo
num recanto celebrado
a colecção de plantas aromáticas
todas estranhas
alienígenas

ao redor da grande casa
o vento parara havia já meia hora
o azul outonal empalidecera
como que tingido por insuspeito véu de leite
e à beira do lago
encostado a uma terrível palmeira
constatei a propensão de todo o espaço

para o exercício da memória triste

tudo isto, como é óbvio, exacerbado
por certa frase lida horas antes
numa parede da rua José Falcão
cliché absurdo, é certo,
mas absoluto e poderoso:

a tua ausência deixa-me vazio

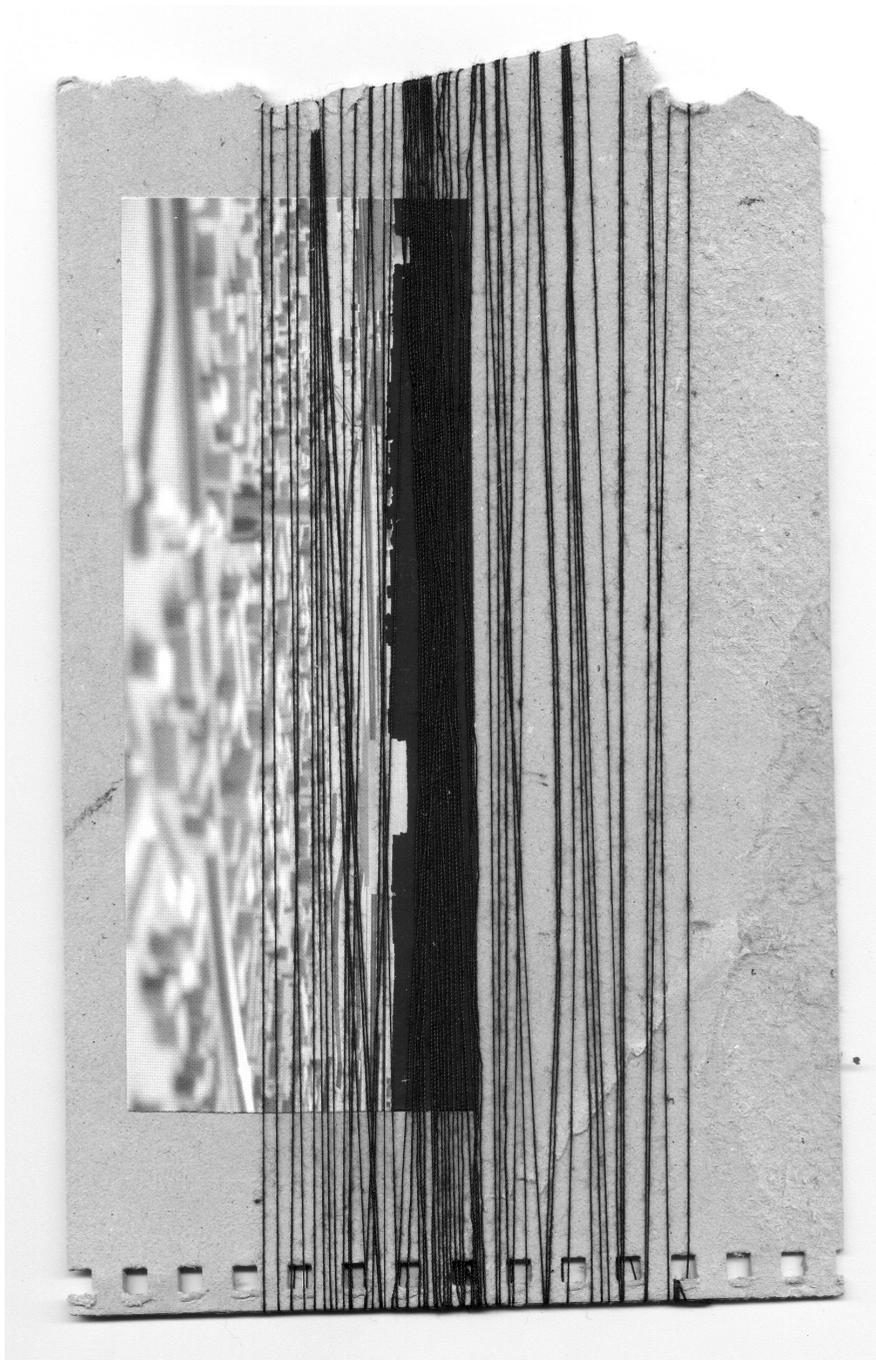
João Miguel Henriques

Pilrig Park

um sol de inverno
escasso e amedrontado
veio habitar-me em pilrig park
onde só eu
e dois reformados
tivemos coragem de passar
a curta tarde

podia jurar
que as casas em volta
não mais são que pretextos
para as folhas caídas
votadas ao abandono
e à vizinhança
de troncos grossos

atiro uma beata
para o meio das ervas
na ingénua esperança
de um incêndio de casas



Archi 02

Eduardo Conceição

John Mateer

THE HUMANISM OF FRIENDS

John Mateer

O HUMANISMO DOS AMIGOS

Tradução: Andreia Sarabando

John Mateer

ANA PAULA

We were walking along the Rua do Arco da Traição,
just below Coimbra University, on our way
to the Botanical Garden deep in conversation about Leopold Senghor
and the vanity of power. *Poor fellow!* we agreed. *Few love
his poems now...* We read our poems under a Morton Bay fig-tree,
and neither of us could ever have imagined that. That weekend
all we discussed were the subtleties of Portuguese cuisine:
tripas à moda do Porto, tarte de amêndoa and the vast empire of bacalhau.
You were an Angolan mother to me, you who are an historian
and poet. In Lisbon, too, we spoke about food, and at the table!
I remember my coconut curry with the white rice, and your chicken
sputtering over a brazier out in the bright Alfama street. You were saying
that when in Durban, strolling along the foreshore, you and a friend
were overheard by a white man whose job was weaving
telephone-wire into baskets, nimbly, like a proper African,
and he'd said: *I can understand your language;*
I learnt when I was fighting your people in the war.
You made no comment, no words of disabuse, were gentle
in your recollecting, just as you had been in asking
directions to the restaurant: *Menina, desculpe...*

ANA PAULA

Seguíamos pela Rua Arco da Traição, mesmo por baixo da Universidade de Coimbra, a caminho do Jardim Botânico embrenhados em conversa acerca de Leopold Serghor e a vaidade do poder. *Pobre homem!*, concordámos. *Poucos amam os seus poemas agora...* Leêmos os nossos poemas sob uma figueira australiana e nenhum de nós podia ter imaginado isso. Nesse fim-de-semana tudo o que discutimos foi as subtilidades da gastronomia portuguesa: tripas à moda do Porto, tarte de amêndoa e o vasto império do bacalhau. Foste uma mãe angolana para mim, tu que és historiadora e poeta. Também em Lisboa falámos de comida, e à mesa! Lembro-me do meu caril de coco com o arroz branco, e a tua galinha a estalar sobre o braseiro na luminosa rua de Alfama. Dizias que quando em Durban, passeando ao longo da costa, tu e uma amiga foram ouvidas por um homem branco cujo trabalho era tecer cestos com fio de telefone, com destreza, como um africano que se preza, e ele tinha dito: *Eu entendo a vossa língua;* *aprendi quando estava a lutar contra o vosso povo na guerra.* Não comentaste, nenhuma palavras de desengano, foste gentil na tua recordação, tal como tinhas sido ao perguntar direcções para o restaurante: *Menina, desculpe...*

John Mateer

Tradução: Isabel Pedro dos Santos

John Mateer

ANGELA

We could almost be family, Angela. That accent, more exotic than a repressed memory! When your son, Tiago, talks he could be a picture of me. And my parents, too, have a small painting of our blue Table Mountain as memento vita in their investment flat. Today you are A Name in Lusitania and construct reminders of the forgotten: a construction-site that's a playground, the word KANIMAMBO embedded in the brickwork, an unrealized circus-school presented as a gift in 1:1 scale beneath the halted freeway-flyover on Cape Town's foreshore. Poeticizing shelter is another way of speaking loss. What mad angel would inhabit our unromantic ruins? *An Angela...* Would you ever let Tiago play shadow-soccer against one of those walls? And little Lola with her curls, what acoustics could ever capture her laugh? One day in Maputo, in Gustaf Eiffel's railway station, standing on the platform with the derelict and the busy I will be asking everyone: *Are you a Coca-Cola?*

ÂNGELA

Quase podíamos ser da mesma família, Ângela. Esse sotaque, mais exótico do que uma memória reprimida! Quando o teu filho Tiago fala, podia ser uma imagem minha. E também os meus pais têm uma pequena gravura da nossa Table Mountain azul como memento vita no seu segundo apartamento.

Hoje és Um Nome na Lusitânia e constróis lembretes

do esquecido: uma obra que é um parque infantil,

a palavra KANIMAMBO embebida nos tijolos,

um circo-escola não realizado e apresentado como uma oferta numa escala de 1:1 sob a inacabada passagem superior da costa da Cidade do Cabo.

Poeticizar o abrigo é outra forma de comunicar perda.

Que anjo louco habitaria as nossas ruínas não-românticas?

Uma Ângela... Alguma vez deixarias o Tiago jogar futebol-sombra

contra uma daquelas paredes? E a pequena Lola com os seus caracóis, que acústica poderia capturar o seu riso?

Um dia em Maputo, na estação ferroviária de Gustaf Eiffel,

na plataforma com os abandonados e os ocupados

estarei a perguntar a toda a gente: *És uma Coca-Cola?*

John Mateer

Tradução: Isabel Pedro dos Santos

John Mateer

CYNTHIA

With the roasted boar that concoction of Coke
and vinho was perfect, a breath on my heart
that leaves me in an aromatic cloud.

*Yes, my china, it leaves me in a garlicky café run by your parents,
far in our past! Now where are we? In a cluttered*

Coimbra restaurant round the corner from my room
on Avenida Fernão de Magalhães. And in our speech?

In the Maputo hotel your nostalgic parents dragged you
to for those famous LM prawns; those you couldn't eat:

streetkids were at the window staring in from today's Mozambique.
Forget the food, forget everything! You were never from there!

Then we were running. Now the city is a swiftness when you're drunk,
and the Arco de Almedina floats overhead,

and we were sprinting up the mountain path of Quebra Costas

and into our beloved, swirling bar. Leftists holding on at the counter,
their girlfriends hovering at the round tables,

smoking and sipping beers with an ancestral patience
we didn't share: *I wanted you as soon as I saw you,*

a certain woman said. And an uncertain man responded
with aporia, seeing her boyfriend, the bar-owner, had just swanned in...

CYNTHIA

Com o javali assado aquela mistura de Coca-Cola e vinho era perfeita, um sopro no meu coração que me deixa numa nuvem aromática.

Sim, a minha porcelana transporta-me para um café com cheiro a alho explorado pelos meus pais, num passado longínquo! Agora onde estamos? Num atulhado restaurante em Coimbra, perto do meu quarto na Avenida Fernão de Magalhães. E no nosso discurso?

No hotel em Maputo para onde os teus nostálgicos pais te arrastavam para aqueles famosos camarões LM; aqueles que não conseguias comer: miúdos de rua estavam à janela a olhar a partir do Moçambique de hoje. *Esquece a comida, esquece tudo! Nunca foste de lá!*

Depois estávamos a correr. Agora a cidade é uma ligeireza quando estás bêbeda, e o Arco de Almeida flutua sobre as nossas cabeças, e estávamos a correr a toda a velocidade pelo caminho montanhoso do Quebra Costas para o nosso querido, rodopiante bar. Esquerdistas agarrando-se ao balcão, as suas namoradas rondando as mesas redondas, fumando e bebericando cervejas com uma paciência ancestral que não partilhávamos: *quis-te assim que te vi*, uma certa mulher disse. E um homem incerto respondeu com aporia, vendo que o namorado dela, o dono do bar, acabara de entrar...

John Mateer

Tradução: Isabel Pedro dos Santos

John Mateer

RICHARD

I just read an interview with you in a newspaper. Your translation of João Cabral de Melo Neto is ready, finally. And I was remembering how we met outside the café A Brasileira, where the skinny statue of Pessoa on a chair, resting his leg across his knee, is of an Indian bodhisattva in almost full-lotus, and you'd recognized me as I lent against the wall by the folded copy of *The Guardian* pinched under my arm. Sitting out in the front under the umbrellas we discussed The Master and how he never wrote of Africa. *My childhood paralleled his*, I said. You, as his archivist, told me his first book was to be named *Exile. Only in a recently deciphered poem*, you said, *is there an allusion to Durban, its humid, milky dawn*. Later, before we entered the opera house on Largo de São Carlos, you pointed out his birthplace, the fourth floor apartment. *Translators aren't ghost-writers, Richard – They're spirit-guides, that telepathy between any persona and The Real!* Still later that night, after all the restaurants had shut, even in Bairro Alto, and we'd roamed the lanes under lamps that were torches of a stilled but endless procession, and we'd found our beer and pregos in the last café open, you and another friend had spoken, not in Portuguese – another Latinate tongue – and the man's eyes had been jelly-moist because he loved her and she didn't want him...

RICHARD

Acabei de ler uma entrevista tua num jornal. A tua tradução de João Cabral de Mello Neto está pronta, finalmente. E eu estava a recordar como nos conhecemos à porta do café A Brasileira, onde a magra estátua de Pessoa, numa cadeira, repousando a perna no joelho, é a de um bodhisattva indiano quase em lócus completo, e tinhas-me reconhecido encostado contra a parede pela cópia dobrada do *The Guardian* presa debaixo do meu braço. Sentados na esplanada sob os guarda-sóis discutimos O Mestre e como ele nunca escreveu acerca de África. *A minha infância foi paralela à dele*, disse eu. Tu, como seu arquivista, disseste-me que o seu primeiro livro era para se chamar *Exílio*. *Apenas num poema recentemente decifrado*, comentaste, *há uma alusão a Durban, à sua húmida e leitosa alvorada*. Mais tarde, antes de entrarmos no teatro no Largo de São Carlos, indicaste o seu lugar de nascimento, o apartamento no quarto andar. *Os tradutores não são escritores-fantasma*s, *Richard – São guias espirituais, aquela telepatia entre qualquer persona e O Real!* Ainda mais tarde nessa noite, depois de todos os restaurantes terem fechado, mesmo no Bairro Alto, e termos vagueado pelas ruas sob lâmpadas que eram tochas de uma imóvel mas ilimitada procissão, e termos encontrado a nossa cerveja e pregos no último café aberto, tu e outro amigo tinham falado, não em Português, – outra língua latina – e os olhos do homem eram húmidos como gelatina porque ele amava-a e ela não o queria...

John Mateer

ROGER

Not too far from where you emailed me last,
there on Cape Verde in that cheap café full of 90s tech
with a connection as intermittent as the Self
– I can almost hear a morna, the sunny-day sadness! –
was the line the Pope drew at Tordesillas, halving
the Known World and that great unknown Australia,
a line like the electric fence between Mozambique
and another White Country. Someone once joked,
*Those oues will only get to slave away in the goldmines
if they don't feed the lions first!* Though I remember a man, ghostly,
appearing from the undergrowth, his lynx-frightening eyes,
and, under the tattered shirt, his tree-stump torso: an autographed X.
*Through your viewfinder, what did things look like
during the States of Emergency when even an unblinking eye was heroic?*
Then there were those Mozambican fighters telling you
Afrikaners are OK, Children of Africa!
You who were at war with your boer family,
your brother off with the fuzzy-wuzzy angels in PNG,
and your congenital Bastard Tongue!

ROGER

Não muito longe de onde me enviaste um email da última vez, ali em Cabo Verde, naquele café cheio de tecnologia dos anos 90 com uma ligação tão intermitente como o Eu – quase consigo ouvir uma morna, a tristeza de um dia de sol! – era a linha que o Papa desenhou em Tordesilhas, dividindo ao meio o Mundo Conhecido e aquela grande desconhecida Austrália, uma linha como a vedação eléctrica entre Moçambique e outro País Branco. Alguém uma vez brincou,

Aqueles tipos só trabalharão como escravos nas minas de ouro se não alimentarem os leões primeiro! Apesar de me lembrar de um homem, fantasmagórico, a aparecer da vegetação rasteira, olhos capazes de assustar um lince, e, sob a camisa esfarrapada, o seu tronco de árvore: um X autografado.

Através do visor da tua câmara, como te pareciam as coisas durante os Estados de Emergência quando um olho que não piscava era heróico? Depois havia aqueles guerrilheiros Moçambicanos dizendo-te que os Afrikaners eram fixes, Filhos de África!

Tu que estavas em guerra com a tua família boer, o teu irmão com os anjos de carapinha na Papua Nova Guiné, e a tua congénial Língua Bastarda!



João Luís Pinho

Contingências ou Um adeus em Amesterdão

Manuel Silva-Terra

O livro-errante bate às portas do ente. Abandonado num quarto de hotel, esquecido no banco do comboio, perdido no aeroporto. Desperta e rejubila com o bafo dos passageiros. Abandonado esquecido perdido. Achado e reencontrado. Tornado imóvel, comprimido numa pilha com outros seres semelhantes. Resgatado do pó da biblioteca. No outono perdido no bosque e na primavera seguinte recuperado do gelo das folhas e do estrume. Todo ele estremece com a passagem das estações sobre a erva. Todo ele vibra com a passagem do tempo sobre a Terra. Sebento e sujo. Mendigo nos caminhos do homem. Jazente, renova-se ao contacto com outro ser, se também ele errante e fragmentado. Ambos se recolhem um no outro, de si desapossados. Inquietos como dois amantes inexperientes. Deste encontro fazem revelação. O livro-errante é o livro-leitor-feliz. Ambos conhecem a lentidão amorosa, o suspiro na queda e a perda. Ambos caem com volúpia.

O livro-cobra vai largando a pele pelos lugares e mãos de passagem, enrosca-se nos braços do leitor que o lê por comunicação tátil. O livro-cobra muda de pele e o leitor é renovado. Pele contra pele. Por osmose um mesmo tecido nasce da morte do anterior. Mas o livro-cobra hiberna, e enquanto hiberna enrosca-se nos buracos da memória, nos interstícios da matéria negra, até novo solstício – só então renasce. O leitor eterno vive no plano infinito que este livro desenrola. Ou o livro nos infinitos planos da temporalidade do leitor?

O livro-de-ervas é anterior às palavras, anterior à humana necessidade de ordenar o pensamento: sinais representativos: signos encandeantes projectados em negra luz. O negativo da existência. No livro-de-ervas dominam as cores em movimento, predominam as formas do criador vivificadas na matéria una da natureza. Arco do céu. Pupilas de olhos de lince. Terra abençoada pela partida do homem. Natura naturante. O regresso. Depois das barragens derruídas, das centrais soterradas, o livro abre-se e um mundo abre as pálpebras de novo.

No livro-água: os olhos caem no mar. Ondas caligráficas abrem-se e fecham-se tocadas pelo vento. Nas lágrimas, cristais de sal agrupam-se, dançam dando-se as mãos, depois despenham-se na areia. Ele é a espuma do mar. Ele é escrito com a fina renda da espuma das ondas. Sopram os grandes ventos que atiram a espuma para longe no areal. Sopra nele a voz de Poseidon. Livro perfumado pela maresia da manhã. Livro perfumado pelos cabelos e pela chuva de Agosto. Molhados, livro e leitor – unidos pela água que liga. Unidos pela mesma respiração. Boca a boca, salvam-se um ao outro.

E este é o livro-de-areia. O livro que uma traça argentina escreveu enquanto dormia. Este livro só pode ser lido em sonhos. Como a areia, ele escoa-se por entre os dedos. Os caracteres são de tal forma móveis que só Morfeu os pode ligar. Durante o sono, Morfeu, com fio de baba de caracol, liga as inumeráveis pedrinhas com que se escreve a letra-palavra alfa. Cada letra é um deserto. Nem todas as areias de todos os desertos de todo o mundo são suficientes para construir um livro de areia. Cada criatura que recebe o sol é um deserto. Se preenchêssemos todos os espaços que existem entre os nossos átomos seríamos uma matéria tão compacta que não haveria mais espaço para os sonhos. Cada grão de areia é um espelho do universo, de modo que o grão reflecte o todo e reflecte-se a si no todo, e assim até ao infinito. Por isso os sonhos são mais que a realidade. Quem mais sonha são as crianças e por isso elas vivem mais. O que te escorre pelos dedos não é a areia mas o tempo. Este livro não se repetirá. Não será o mesmo quando voltares a abri-lo. Tu próprio, leitor, serás outro. Quando voltares a correr os dedos sobre as páginas, elas serão outras e ordenadas de outro modo. Também os teus dedos serão outros, mas serão outros principalmente os olhos.

Eis o livro-do-vento – o que vibra com a passagem das correntes aéreas. Dependurado nos ramos do salgueiro, este livro é tocado pelos dedos do divino Éolo. Ele debruça-se sobre a água. Para poder ser tocado pela rosa-dos-ventos, este livro não tem lombada. As folhas finíssimas confundem-se com as folhas do salgueiro, por isso é um livro invisível. São as diferentes texturas desta invisibilidade que fazem a diferença entre os sons agudos e os graves. As folhas agrupam-se naturalmente pelos diferentes capítulos. O livro é todo ele soprado. Vive dos instrumentos soprados e da voz. Os diferentes capítulos são lidos ao mesmo tempo, embora a cada capítulo corresponda uma família de instrumentos. A voz é inaudível para quem não tenha sonhado com o som do vento de Outono a despir um salgueiro. Este livro é invisível, por isso atravessa todas as fronteiras, nunca se detém – é um livro contrabandista. Frases soltas, notas musicais, foram encontradas nas soleiras de casas distantes e até mesmo em estantes dedicadas às ciências exactas – os proprietários encontraram apenas minúsculos grãos de pólen que confundiram com o pó, mas outros sentiram o vento a passar por entre os dedos quando lhes tocaram. Leitores há, mais raros, que encontraram fragmentos deste livro nos longos subterrâneos que atravessam o subsolo das grandes cidades. Leitores há que abrem este livro e se transformam em harpas que vibram imóveis.

O livro-transparente organiza-se camada sobre camada. Ele é uma radiografia do mundo. Mundo esfolado pela mão e pelo olhar do leitor. De um lado fica a pele sobre um molho de vides a secar ao sol, do outro lado a carcassa, com as costelas leves organizadas em linhas. Uma beleza incorpórea manifesta-se. É um livro fantasma – o próprio tempo condenado. Um fantasma vivo do autor repuxado pelos fios de Cronos. O leitor debruça-se sobre ele e murmura: Querido mestre, também eu estou quase a evaporar-me – charco sou no prolongado estio, já ouço o coaxar das rãs prestes a morrer. Também eu sou uma matéria friável.

O livro-osso é belo como só um esqueleto o pode ser. Tornou-se belo porque descarnado da sua matéria mortal. Livro esqueleto com seu crânio em forma de corola. Exércitos de formigas e de traças roeram-lhe a carne – a parte mais vil – até o terem totalmente limpo de sebo gorduras tecidos moles tendões, os artefactos foram levados pelos corvos. O livro-osso reluz assim branco ao sol, duro sólido compacto. Só assim poderá entrar na eternidade, porque finalmente reduzido à sua matéria dura perdurável e insignificante.

O livro-peregrino chega roto esfarrapado, roído pelos vermes. Chega curtido pela geada e pelo sol. Traz as folhas esgaçadas, sujas do pó e do suor dos caminhos. Na verdade, o livro-peregrino só entra em casa quando é convidado. Ele bate à porta com cuidado e espera na soleira. Raramente o convidam para dentro. Os senhorios temem a poder da sua capa andrajosa – as marcas que o mundo faz num andarilho. Com nojo, os senhorios mal lhe tocam com os dedos, e logo o despedem das suas propriedades. Por vezes concedem-lhe um copo de água e o repouso de uma noite no jardim da casa. Raramente é convidado para casa, mas quando isso acontece pode demorar-se aí o tempo de uma estação. Entretanto, o livro-peregrino recompõe-se dos tempos em que viajou clandestino nos porões dos navios, ou das caminhadas de séculos em que ninguém lhe abriu a porta. Agora o livro-peregrino recompõe-se enquanto convive com a gente da casa. Enquanto é lido recompõe-se na sua matéria gestual. Ao voltar para o mundo, para a poeira dos caminhos, para a solidão dos desertos, o livro-peregrino sabe mais de nós do que nós sabemos dele, e nós sabemos dele mais do que sabemos de nós. Onde quer que chegue, o livro-peregrino inquieta mais pelo aspecto que pelas palavras, pois elas foram sendo carcomidas pelo uso e pela erosão. As rugas que apresenta quando se desembrulha interrogam quem dele se abeira. Interroga a todos na sua humanidade. A sede do livro-peregrino fá-lo debruçar-se sobre os poços para beber, e debruçado reconhece no reflexo a imagem da nossa profunda ignorância.



Rui Silva

Porfírio Al Brandão

ASA

três palmos e meio acima do que falam

asa

plataforma ou não

: um pé solto

flutuante compasso aglutinador de partículas

unha cravada

esqueleto em órbita

o acordeão de carne enche-se de vertigem

inspira e

estropia o verbo

asa

catapulta ou não

: o voo

emprenhar o antes

- hemorragias silábicas -

cair.

mijar no ponto final

sorrir rir ir

planar

asa

pulmão ou não

: respiro

três palmos e meio abaixo do que ignoro

Porfírio Al Brandão

HOJE?

Nada

afronta

a prémio

cada Palavra

ser

arma

esperança

da

Odisseia



Filipe Cravo



Rui Silva

Rose Barboza

para Rita Silva e suas sapatilhas encarnadas

Eu e minha irmã temos uma história para contar. Parecia estranho ouvido assim. A vizinha baixa e rouca e as mãos tremendo. Alguma coisa revoltava, ao mesmo tempo que enchia de confiança, essas duas moças, que andavam com os pés machucados. Sentei-me, a lhes ouvir num longo relato. E com surpresa percebi que o mundo anda mesmo desajustado. Veja lá a história que me contavam. Que era uma vez um reino. Um reino grande e obcecado por manuais de beleza e moças-tipo-padrão, que tinham de submeter-se a limpar, cozer, lavar e nem podiam pensar na possibilidade de irem em bailes apenas por diversão. Também contavam que, nesse reino, havia um rei e um príncipe que escolhiam a seu bel-prazer, para rainha e princesa, somente as mulheres que se submetiam a uma tal “ditadura do sapato”. Era mesmo assim. Para se casar nesse reino, era necessário que tivessem pés que coubessem num pequeno sapato, desconfortavelmente esculpido em cristal e que, se as moças se dessem ao luxo de quererem experimentar antes, algum outro modelo ou, pior ainda, tivessem pés de tamanhos variados: já era, estavam eliminadas e não tinham mais vez, eram desclassificadas. E lhes diziam que nem feliz poderiam ser. Não acreditei. Podia existir lugar assim tão bárbaro? Diziam-me que sim. E que não parava por aí. Que muitas moças se submetiam sim, a viver correndo entre sapos, príncipes, vestidos, abóboras e sapatos, enquanto se obrigavam a ter pés pequenos para a moda em voga, que não admitia pés descalçados, ou mesmo dedos ao vento,

em sandálias ousadas. Contavam, contavam e eu não acreditava. Não pode ser. Pensava comigo mesma e logo agora, que cada uma tem liberdade de escolher variados modelos de sapatos. E eu, incrédula, ouvia a história, sem saber, naquela altura, que até seus nomes haviam sido apagados. Antes chamadas Rita e Clara, agora eram apenas conhecidas, em muitos reinos, como as irmãs da Cinderela, a moça mais jovem que, segundo elas, deixara-se enredar pela tal ditadura do sapato e suas mazelas. Além, é claro, de outras histórias de conspiração e fofocas, que afirmavam existir ódio e inveja onde, na verdade, só existia camaradagem e cumplicidade. Mas Joana e Clara conseguiram fugir e é por isso que andam por aqui, a recontar uma história que necessita mesmo resistir e se fazer ouvir, através dos tempos, para que nenhuma de nós precise mais ter pés pequenos para ser feliz.

Rose Barboza

para Andressa Marques
com sonhos e caramelos

Ainda a vez que vi a maçã. Era amarga. Joguei fora. E vi no caramelo do dedo. A escorrer uma história. Era a vez. De sair de casa e bronzear a tez. De branca, eu não queria nada. Ah, se eu tivesse um... Espelho. E lhe perguntasse: – Espelho, espelho meu... Ele logo responderia: – Nem precisa perguntar, não há no mundo, Branca, ninguém mais pálida! E o sol lá fora. Luzidio e indecente. Me convidava. Eu já topava. Quem é que me conta? Onde mora alguma bruxa? Quem sabe uma poção? Para rearranjar uma vida pálida? Um *poison* arroxeadado de odor levemente adocicado? Ah, como as bruxas são felizes... Têm espelhos e frutos envenenados. E eu? Só, com esses homenzinhos que vivem cantando canções sem graça. Quem? Quem me conta onde mora uma bruxa? Que queira como aprendiz uma Branca desesperada? Já sei! Vou botar uma placa, um classificado, no jornal do Faz de Conta, um anúncio na rua, um recado no meu Twitter. **“Branca de Neve procura trabalho no reino de uma bruxa que contrate aprendizes: estudante de química possui conhecimentos em preparo de poções mágicas. Aceita proposta part-time ou em horário integral e tem disponibilidade para viagens. Promete, também, ser bastante aplicada.”** Tomara, pensava a moça, enquanto comia uma nêspira, que ela mesmo cultivava, que alguma bruxa experiente se interessasse por seu currículo. Por quê viver feliz para sempre. É balela. Para alguma Branca desavisada, que não está minimamente conectada com a realidade.



Eduardo Conceição

Sem título

Rui Tinoco

parece-me bem que a solidão
avance mais um passo,
que a palavra, no meio
da chuva, se esqueça do próprio
significado. é preciso
que nos dispamos das roupas
que não sabíamos possuir.
dos novos frios, com que seremos
brindados, surgirão outros pensamentos.

Rui Tinoco

as letras que compõem
a página são apenas
uma pequena parcela
da história. os dedos
rodeiam os botões:
portas cerradas, bocas
inventadas para que o silêncio
se grite. o gato
é o significado misterioso
deitado a teus pés.

Rui Tinoco

a luz enchia as palavras. os braços
enrolaram-se como um inútil
adereço. somos tão pequenos para
o mundo! o medo cruzou
o passadiço, passeando um
minúsculo cão. era o cão
que tinha gestos humanos:
foi salvar a memória
que o dono atirou ao mar
e trouxe-a presa entre
os dentes amarelos.



OS MAIORES ARTISTAS MUNDIAIS PREFEREM UMA VIDA FODIDA

e você?

Sabia que uma VIDA FODIDA lhe alivia o reumático, as insónias, o lumbago, os nervos, as dores em geral,...

A VIDA FODIDA SÓ SE VENDE em Lisboa, Rua do Carmo, 35 - 2.º

Peça GRÁTIS o livro informativo
enviando apenas 5\$00 em selos para portes

Susana Noronha

Entre a língua e o papel

Só existe a paisagem
coisas
chama
incendeiam a palavra em cinzas
eleve pestanas
c(a)rtas teus cabelos
do horizonte, o deus único chama
página do mínimo acontecimento
a forma berço se elide
metáfora
batendo

Das tuas orelhas para os meus dedos

Paisagem?
reduzidas cinzas
fendas
corvos
chama
palavra
único relâmpago diminuto

Susana Noronha

Cinderela Auto-etnogra(fada)

O sol, fraco, não abria a apertada manhã de Inverno.
Os meus pés, teimosamente frios, pareciam não respirar.
Vesti-me à pressa, não gastando um minuto, decidida a comprar
o vestido para me encontrar e dançar com ele à noite
Tinha ligado no dia anterior, voz feia e pesada, desejoso, dizia
ele, para me abraçar e me ver... linda e leve.
A minha Mãe estendeu-me o dinheiro e um beijo e as minhas
irmãs ajeitaram-me a trança curta com um dedo.

Entrei numa loja pintada por trapos e coisas das mais variadas cores
e texturas. A fila de dois metros e meio de vestidos convidava-me
a passear as mãos por folhos, botões, sedas, rendas e vinil.

Mas, enquanto me aproximava, vi sobre o acrílico ebúrneo das
prateleiras de parede AS botas militares de cano alto, preto mate,
interior em tartan, biqueira redonda, solas em PVC, atacadores
em fita de seda negra entrelaçados como bordados nos seus vinte
e quatro buracos.

AS Dr. Martens dos meus sonhos... lindas e leves.

AS Dr. Martens Triumph cano alto entraram e passearam nos
meus pés, 120 euros de cabedal preto... lindas e leves.

Ah, o vestido ficou para outro dia.

Nessa noite, vesti-me à pressa, decidida a gastar os minutos que tinha a apertar os meus longos atacadores de pura seda negra. Que bem ficavam sobre as calças apertadas!
Saí... linda e leve, vestida de preto.
Quando o vi, ele pareceu-me... feio e pesado.
E eu pareci-lhe um rapaz desajeitado.
Torceu o nariz...
E eu virei-lhe as botas.
Afinal, a outra tinha sete, mas eu tenho cinco anões em cada Mão.
Prefiro, sozinha, dançá-los a eles, lindos e leves, sobre mim... ainda apertada nas minhas Dr. Martens, calças justas e pés quentes.
Rodaram... as abertas doze badaladas.
A noite, forte, aqueceu também... TRIUNFANTE.

Susana Noronha

o G do teu golpe: *fibroso maligno*

Gume de faca
guloso por carne
gosta de golpes
na gordura que guardas

maligna gramática
monstrengo grifado
esgalhando as gramas
do braço alargado

fibroso espigão
guincho triplo de estriga
garrote grotesco
na garra que tinhas

gangrena no gancho
do garfô do demo
a guante de guita
guardando teus dedos

greta e coto
com ganas de gente

esgadanha para fora
governa o gesto
ganhando a guerra
galgando a margem
engolindo o resto

de bom grado carrego
a gota de guache
e grossa grafite
o traço gasto do braço
apagando a grossura
do legado maldito

Susana Noronha

Mãe muscipula

Braço de árvore em ciclone de pó
malmequeres dionaea muscipula, viole(n)ta pintada
vestida de negro, escarlata e branco
em três pernas de calças, luvas e capa de santo

Susana Noronha

Do avesso

Calma como sobras frias
dorida como luz aberta
num parto de sombra golfada sobre erva-doce

agitada como terrina fechada
quente e feia é a mão que no prato
depois de bela te abre virada para o amargo nada

**.Pleasssssse
r-expect
pact**

**in-tellec-tual
inter-lectur-all
perpe-tu-all**

***Proper*
Property
tea
rights**

A e D

**(momentos puros de
lazer e outras piruetas
poéticas)**

Ana Fase

O calçado

costumava usar sapatos

aliás, costumava andar descalça
e meus pés cresceram demais

depois usei sapatos

comecei a usar daqueles que
me iam cortando os dedos dos pés

costumava usá-los apertados

achei um dia
que o defeito não havia de ter pé
nem cabeça
pois das plantas eles foram feitos

disseram-me que o calçado era diverso
percebi que sim

embora desconfie
sei que os sapateiros
estão prestes a desaparecer

Ana Fase

balança, libra, pound

A folha balança

Branca

sob o signo

Libra

o poeta pode, o poeta paga

Pound

[som de bala]

E a folha é acertada pelo disparo da caneta

por entre as ameias da mão

[temo que a memória da poesia seja um carimbo branco]

E planando até ao chão

fez-se a

[ela mesma]

Justiça

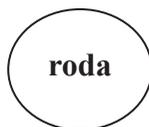
Caindo num borrão de tinta

onde se leu:

“A ideia de poesia não me basta”.

Ana Filipa Maia

Andar à



Uva

Vinha

Vinho

Vasilha

Vazia

Volta.

Viro-me.

Meia volta.

Volta inteira.

Rodo E volto ao mesmo,
De volta às vidas das mil e
uma voltas do vazio sem retorno

Ângela Canez

por dentro do exílio
do deserto que acrescenta o incenso
a seara breve milenar onde a tecedeira se refugiará
à saudade da idade que não voltará
e por isso é triste e demora o gesto
de indagar o assombro pergunta-lhe baixinho
se o reflexo não virá e ficará a sós
uma vez mais

Nunca mais os dedos trespassados de luz
de outros dedos a acrescentar ao fundo
do cais onde o marinheiro parará de frio
perguntará aos que o cercam
– esta terra é habitada?
e não o saberá as vozes que asfixiam
no centro da sala e não se conhecem
não sabem os nomes das vozes que ficam ao lado
e repercutem o medo da mulher que ficou
sozinha e nunca soube o que era a vida
ou pouco mais da distância que fica
entre um e outro nível do mar
do olhar
e nunca soube se era possível não morrer de frio
pegar assim nas mãos juntá-las às outras
porque há outras ainda no cais perto das vozes

mas que não conhecem outras vozes
mãos qualquer coisa com traço humano
a forma mais funda de se estar perto
do quase olhar
e não estar. ainda não
não mais
Nunca mais os espaços inundados
de azul tecedeiras a bordar
os copos de uma sede inventada onde
o marinheiro se ausentará do bater dos tambores
o batimento cardíaco enclausurado
e perguntará junto ao peito
– esta terra é desejada?
e não haverá nos lugares luz bastante
lanternas suficientes para o alumiar
e não ficará uma voz que o seja no cais
uma tecedeira que não pode dar um nome à idade
sem essa idade
a incendiar

bruno santos

a propedêutica a funcionar
a motores
esticaram com o susto
encomeram com o peso
das paredes
a linguagem a violar-nos
sistematicamente o corpo
sistematicamente o corpo
uma raiz qualquer de sintaxe
o antes e o depois
e o depois ainda
antes do antes
a pele contamina a pele
pelos pelos encravados nos poros
um penso rápido na cabeça
por dentro da cabeça ressequido
mas não um penso rápido
como nos desenhos animados
ou como quando se atiram tesouras

[poemalasca do complexo multimédia *Kitsch.Net*]

bruno santos

autênticas
obras de
engenharia

/

normalmente
suburbanas

;

normalmente
subterrâneas

·

normalmente
informais



João Luís Pinho

Pensativo

Carlos Pittella

BLAU

a Hernán e Roser

Era uma vez um 23
de Abril e blá blá blá
e BLAU, o protagonista desta história,
que era o nome da palavra que eu sabia em Catalão:
BLAU é a Substância Primária do Céu na Catalunha,
onde o 23 de Abril é o dia de São Jorge
perder para o dragão a independência
e de celebrarem, com razão, essa derrota
(porque lutaram contra o seu dragão)
e de repente afluam rosas, livram livros
nas calçadas dependentes
rosas para as mulheres, livros para os homens
– é claro que eu lutaria
pelas rosas para os homens cegos,
pelos livros para as mulheres rosas
e BLAU para todos
esses vinte e três de Abril fechados
desde que enjaularam BLAU
neste nome que fica pulsando
até o dragão cuspir de vez o céu

Carlos Pittella

Soneto para Ezra Pound sorrir

Não sei pra quê serve o ego,
esta di-visão, quimera
de-marcar “era” & “não era”,
ego ainda quando nego...

Que tal ver a forma inteira,
que o partido aparta, cego?
Sigo a ponte ao meio e rego
signos para a sementeira

de acordar acordos. Rogo,
pois a forma FLOR aFLORa
demonstrando a estrada, agora,

que analóga o Lógos. Logo,
quem já for treinado em *fogo*
lerá  em vez de aurora.

Carlos Pittella

MATRIX

E a cigarra respondeu:

- Canto para inspirar o teu trabalho!
- Então, por que não danças também? – ironizou a formiga.
- Para não te inspirar demais...



Rui Silva

crístina néry

na cabeça

(ex)S (us)piral(s)

more than 360 degrees – one
spiralling page is reproduced in
holoeranh.

que manter a estrutura certinha
*where publication would be a demonstration
of singularity approximating a neo-Plattonic.*

uma poltrona à meia noite marca
um saturado momento

achamos estranho
que quando vieste ter comigo.

apesar de tudo
à cintura
os bolsos
e evitar tratar as coisas pelos nomes-

pele é pele
corpo é corpo
certos pássaros têm um fragmento farejado
e aborrece-lhes o deslumbre.
*:quero que os ombros descansem na mesa
E que as perdidas vagas de sono
sejam "exílios gasosos" do que ferozes mandíbulas*

a aprendizagem é um novo trabalho em nome próprio
onde se apresenta uma narrativa extravagante.



Rui Silva

Conceição Riachos

Braços na terra onde o vento enlaça bocas vivas de saudade
nas costas árvores semeadas de pontos
lagos numa pedra
lágrimas perdidas em escamas verdes
gritos apertados
de repente a treva atravessa espaços sangrentos
real a fraqueza destruidora
horizontes observados
silenciosamente
um canto oculto lento e oblíquo
palavras violinos

daniel matos

tu abriste a porta e viste
o enorme palato de arames.

eu voava ou corria por dentro de
um vento veloz. eu
pousava soprando, por dentro das ondas, nas tuas mãos,
quando por ti passava, em exercício de composição
era uma sala de água. a língua elevava ou tapava personagens.

eu tinha largado as mangas estendidas como duas linhas
(a meio da plateia)
a desfiarem a tempestade à volta de um comboio a surgir
das chamas.

e eu saía para fora do meu sopro a embater-te por dentro,
e ressurgia por dentro do fundo das tuas mãos.
tu dizias « agora passas para fora e ficas por dentro de mim
ainda»

dizias mais convictamente:
« quero-te dentro de mim ».
e eu percorria o tempo por dentro e por fora das ondas –
e sentia o frio que havia de embater
em mim, eu –

quando velozmente passava e, abrandando, por ti soprava um pouco
um pouco em ti, nas tuas mãos (por dentro
por dentro de onde não há vento)

compondo nas tintas do meu movimento

– um papel subia e
escorregava;
pôs-se a deslizar pelos vãos da boca da plateia,
perguntando-lhe se já podia acordar

um soletrar de peixes a desfiarem
relâmpagos
a beberem nos traços de espelhos dormentes.

e eu avanço por entre as linhas de espelhos da plateia, a furar os
[enormes balões de ar

quente
assim surgidos: sentadamente enchendo-se.
a tocar-me aos fios do despertar-me aos peixes
como que por fora ainda por dentro –

eras um peixe de metal e recolhias e libertavas automaticamente
o rabo
para fora da língua.

« mete uma mão inteira por dentro de mim », dizias.
« e o que faço com a outra agora? », perguntava eu.

sentaste-te numa cadeira com uma mão na frente
e outra atrás,
avançava para ti a cortina de água a sair das chamas.
deste conta de teres uma faca nos dentes
para bater na mesma tecla saliente ao pano.

e eu voava corria por dentro de um vento
veloz. compunha – adiante de mim no tempo –
até ao fio fixo de uma composição

constelada,
muito cuidadosamente a ser depositada às águas.

e eu havia de mergulhar verticalmente a meio do palco entre tu e eu
para.

tu fixavas nós ao fio por fora da ondulação, muito adiante
de ti no tempo –
e compunhas o fio de outra composição
em aberto –,
e corrias por dentro e por fora do tempo da mesma canção
em fogo
contra o frio a embater em mim no topo da montanha.

a folha subia
e escorregava, tinha-te guardado as mãos precipitadas.
e batiam-te pelo fim da obra.
e foi quando viste ao lado um enorme pau quente,
e agarraste-o

arrepia-te
ao dares conta de teres pousado o pau sobre a boca
do peixe morto

e dizias-me «deixa-me entrar agora eu »
– e eu guardei-me atlético a correr-me por dentro –,
eu passei por ti e soprei-te às mãos
e tu pintaste o meu movimento

e eu abri-me em fogo
para as tuas mãos por dentro.

a cortina avançou para ti e foi por ela que saíram as tuas mãos

em direcção a ti.
agarravam o papel e serviram-se dele
para tirarem os moldes quentes do olhos fechados
de um balão de peixe estourado sobre a tua cabeça
encostada à porta.

os cortes das vazas como selos de carta para fora.

puseste-te a baralhar nas chamas.

e eu componho o teu movimento em mim
por ti soprado por dentro
de onde não há vento.

de onde só há vento

(tu
como que por fora ainda por dentro de uma esfera intacta
rodando
a noite em ti) em mim.



Eduardo Conceição

Rinoceronte

Feira de aves: domingo, cordoaria

O homem de mangas curtas
entre os seus nada longos dedos
o homem de mangas curtas
e nariz pequeno
joga o passarinho
noutra gaiola
com outros tantos passarinhos
são coloridos: rosas, amarelos, azuis,
amedrontados
os tantos passarinhos...
pouco provável...
mas, teria sido um passarinho
o homem de mangas curtas e dedos pequenos
no já inverno do Porto?

João C. Santos

dorme errada
pequena rua
cheia da salva
de mirar nua

dentro
seguro senso
entre
veloz
fado.

João Rasteiro

Quero um poema tão real quanto o Colosso de Rodes

O silêncio metamorfoseou-se assim de luz:
por um lado, a sílaba da magnólia virgem,
por outro, orquídea azul de cetim genuíno,
espaços de deuses em labirintos fossilizados.

Poema, morte e vida desejando-se bilingues
de bocas e sexos, a proliferação barroca, vozes
em módulos acesos de vocabulários, graciosas
estátuas escorriam mudas dos cabelos de hélios.

Língua: por um lado, enxurrada incandescente,
garganta atravessada; por outro, pássaro contíguo.

Corpo: também é trovão, temporal de primaveras,
fingimento, verbo, criação (refúgio no tímpano).

Recriar a língua em seu silêncio
será sempre desrecriar-se biografia imperfeita

do eu, estar desnudo: estátuas, estátuas, poesia,
o eco, tudo o que aniquila a inflorescência da voz.

João Rasteiro

Asa de anjo

A Mestre José Rodrigues

Todas as asas de anjo se contrafazem memória
todas têm anzóis fungíveis
e a boca desinquieta por presságios maduros
por despojos do arco-íris cintilando nas gotas de chuva
mais temíveis do que o dobrado coito do sangue
a única forma de amar sem lascívia
o coração desnudado da fímbria do bronze,

porque de todos os lugares onde ousaremos o pecado
escuta-se um obsessivo galope de martelos em cio
como se o abismo tivesse músculos brancos,

e uma ágil asa a quem pesa ser a sua própria estirpe
o curso iludido das entranhas
em que se consumiu a nudez do dorso da alma
uma travessia de veias imprecisas
em seu secreto canto de aves e paisagens hagiográficas,

por esses céus atravessam as matrizes do profano
fúrias e perfeições angustiadas
às vezes a incandescente melancolia de pássaros de carícias
como Ícaro no desinquieta voo do sol

pois não há sonho senão do sonho
e há a metamorfose da sílaba que se sacraliza verbo
a fundição que amamenta até consumir o nome,

no cimo de si própria
essa asa assemelha-se a um corpo de ressurreição
quando irrompe o seu útero como cutelos
tentando da criação a criação
a sua sorte como sudários febris e sombriamente brancos.

Depois chegará o anjo tutelar com a máscara do eremita
a repetida subtileza que as mãos em seu pneuma concebem
à promessa forjada – como se florissessem o coração dos sismos.

Léa Barreau-Tran

→Abc 863/1

sofrer. A ideia é pouco
objectiva. Manda um
beijo para tua mãe. A

Opções Limpar

→Abc 725/1

Já cheguei a casa!
Vou devagar. Agora
vou dedicar o dia a

Opções Limpar

→Abc 904/1

arroz agulha. Passei por
ti na rua hoje.

Opções Limpar

→Abc 886/1

Toma cuidado com
os lobisomens.

Opções Limpar

Léa Barreau-Tran

DOR
sensação penosa ou
nome feminino
A-GO-NIA
Dói-me a barriga
Dói-me deitada
de pé
com
cólicas
DOR de pança
pensos, penso, penso a dor
a ferida, ferro, passar a ferro
queimar
não me queimei
tenho DORES
na barriga, a dor não passou
o tempo
passou
Onde estão os ovários?
DÓI
caralho
O ventre da revolução
De vermelho
hoje pintei
pinto
com este mau tempo dentro
grito, tenho dores, calo-me, tenho dores
A Dona Dores limpou a casa.
Doem-me os olhos
fechados e
abertos.



Rui Silva

Licinia Regateiro

Para Lhasa, la llorona

Delirando na ambição
Da cura
Perseguiu
Formas de esquecimento
Captura
Ou
Possessão

Olha como bebem os peixes no rio
Bebem e voltam a beber

Fragrância
Cristais finos
Embrião
Dimensão singular que ressurge
Agora a vertigem
Na sua voz
Eterna

Olha como bebem os peixes no rio
Bebem e voltam a beber
O infinito encostou-se-lhe

Por que caminho terá chegado?

Licinia Regateiro

Penduradas no cabide

Datas inúteis

No bolso

O abismo

Queimando asas dúcteis

Por dentro, no crepúsculo,

Rostos vacilantes

Silenciosas sombras

Na ardósia negra do garoto

Dos antepassados vigilantes

Cobre a memória um pano

Um gato preto é sempre um gato.

luciana

espaços de silêncio
conceitos
equações literárias
em graça

os poetas despedam-se
no não sossego outra vez

silêncio



Rui Silva

Margarida Amorim

(a partir de Herberto Helder)

assim
ressonâncias no tempo
êxtases inocentes de instantes passados
memórias de milagres e mitos fugidios
assim
caminhando caminhos
o espanto cantado
giestas como luzes
assim
iluminando

Miguel Monteiro

Retrato do Egeu como uma Janela de Vitral

por detrás da ilusão do barro
jaz a luz do sol de ontem.
quem pisou a figura do vaso
quebrou um passado, e respirou.

és o adoneu que nunca pára
a súplica. és um ritmo és espondeus
e penso que te amo por isso. por detrás
da verdade do vidro, tudo é a neve
do mal. só quebrando há vitrais só
pisando e tudo transformando em ouro.

por detrás de todo a métrica
escondemo-nos nós no tácito sussuro.
só quando versos te saem dos lábios
mentes, a mentira como o bronze.

és o afundar eléctrico do arquipélago.
és uma ilha púrpura. verde
como uma chama. todos os vidros
que odiei me deixaram em herança
a esperança do vitral. todos os vidros que odiei
me amaram até ao dilúvio.

Miguel Monteiro

patri

*En vérité, la prompte retraite de mon père m'avait gratifié d'un
"Œdipe" fort incomplet: pas de Sur-moi, d'accord, mais point
d'agressivité non plus.*

chora aquilo que não me podes dar, manhã negra, altar côr-de-vinho,
dom de cegueira fria, o queimar de incenso por mãos mortas de
[linho,
pois ambos sabemos que tudo o que puxa pela luz do crepúsculo
é algo que arde, pele-de-leopardo em costas alheias,
herdeiros que ficam— memórias da mente, atrofia do músculo
escritos patentes primeiras serpentes: essas eu sei,
as imensas manobras que voltam que viram que quebram
alertam pró dia que vem, aprovas as leis às loucas auroras
que ferem os olhos, que cortam as pernas, epístulas ébrias
do rei sob o monte, do ano vindouro, do deus que não tu;
ouvi que subiste a pirâmides sérias, mandaste um oráculo
às cortinas pregadas à tua janela, com o manto do mundo
cobri-me, falei com garganta de seda, honrando o fundo do corno,
o raio primeiro das garras da carne, do canibalismo do santo enchido
de voz; ousaste pedir-me os astros da noite, suspiro de iambo, a cópia
de mim, a mão que benzeu a poucas cabeças, o marco do fim,
reliquias de trevas sagradas, dum touro caído do tempo d'antanho

que sonho e fugi; esqueceste-me ainda a panóplia infinda
das tintas da vida, o choque da queda, o cancro que seca
o choro do golpe ao luar da dor que me afirma; ainda que tragas as
[velhas
promessas, o podre do sangue, a luz que até vê os trovões de terror,
animas o peito, acordas a lava, aqueces a mão que te esmaga.

Nelson Filipe

e.p.i.g.r,a.m,a

assim: a natureza maquinal da palavra
encarrila na perdição
outra perspectiva de soletrar o cosmos
. descalços .

um movimento rúbeo. alfa
na quietude dos nenúfares
por assim adivinhar:: nebulosa

()sumir: de resto a aragem que me sobra()

Nelson Filipe

de elanguescentes ramos
caía a rua
 incógnita

 esqueci-me das casas todas
 guardando janelas como se as houvesse
pilhado
a um quadro em construção constante
 [pejado de estratégicas tinturas]

apartada primavera, verdes bolsos,
tarde era a rua como a melodia

-

baloiçam os ramos na iminência da noite
 que folhas cairão diante de luz tão débil .?
desprende-se de outubro um ninho guardado
 que rua te esconde . agora :?
: a trágica excelência da definição

NÃO SE CRUZAM

ó Teófilos

gotículas de aguaceiro inquieto para não ousar jerusalém
e eram tismados os campos de agabo

Foi

não suportou ademanos dos raios
cadência extrema do retirar das ardósias

Preso

falhou fremitar do cumprimento
devassou ilha das litanias
nos sorrisos ainda alvos que talharam enxovias
em paredes geracionais dos extremos cristão e otomano

sopro irénico

nas bâtegas do sinédrio
palavreando perante governadores e agripa
fariseus hoje acreditam na ressurreição dos mortos?
em que acreditam?

fogo que arroja réptil e faúlha-insinuação da natureza humana
mirrada a dotes confirmados na progénie de públio

arroja centelha a confim de antanho
massa de muita letra impressa
que o gentio não pode mastigar

rita grácio

Manobras perigosas

Inspeção

- respondem muito bem!

que puxa

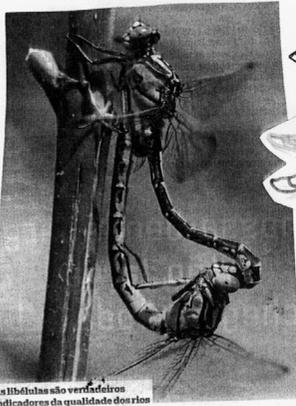
o chavão

portagens

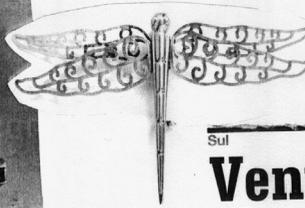
de javalis

Mito democrático

filtrado



As libélulas são verdadeiros indicadores da qualidade dos rios



Sul

Vento

as suas Marionetas.

ASSENTADORES DE TIJOLO

já vão podem subir mais

acto de violência

"uma palhaçada"

DE CONDOMÍNIOS

vai alinhar

de água doce

para peixos endêmicos e aquilo que vive na água.

vai empurrar a mobili.

sofreu muito e chegou a pensar em desistir

de início

o pescador

advertiu

pontapear a vermelho

inundações de

tuberculose

e moluscos.

a extintores próprios para

adormecer aquaticamente - aquatiquer

barraqueiros de papel

rita grácio

Três mil pessoas
abraçam baía

cúmplices apeados
para manutenção

Tanto Amor Desperdiçado

um ciclista que não tinha vasos com
o novo mapa judiciário

'CATAVENTO'

tinha 12 blocos em toscos

Um
permanente
acontecer

arranca

uma bala com outra bala

reacende desatenta.

NA VIDRAÇA

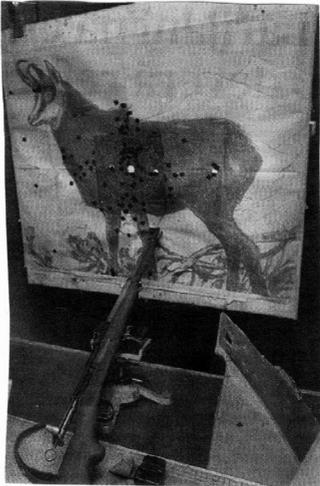
**A maior
anarquia
do mundo**

de ilegal a sonho americano

Keep Walking

rita grácio

Regras do jogo



“Devemos
dar prioridade
aos legumes”



Rui Silva

Rute Oliveira

a luz é escassa,
mas queima.

para que queremos nós as estrelas?

perguntas,
perguntem.

a rapariga pergunta:
«as estrelas dançam como as galinhas?»

risos a bandeiras despregadas,
dadaísta, ela.

a vida da luz é curta,

que distâncias percorremos?

ai Perseu que degolaste Medusa.

a nossa vida é muito curta,
vamos morrer sem saber nada,
morrer à velocidade da luz.

dada.

Rute Oliveira

poema a oito

(para Joseph Mitchell)

prometi escrevê-lo
aquando refeições *fast-food*
repletas de *ketchup* erudito
reveladoras de Joe Gould
d'o segredo do tomate.

Sandra GD

do fim como do princípio do poema

se escrevesse um poema do princípio ao

fim

começava pelo

fim

para nunca ter que escrever o

fim

do princípio do

fim

de todos os poemas que começam do

fim

para o princípio do

fim

de todos os poemas que não têm

fim.

Sandra GD

do fim

do poema (v.)

à morte
do poema
ciclicamente regressas
durante o resto do poema.

como do princípio

e regressas porque
nunca mais
é
nunca mais
para sempre
ciclicamente.

o poema depois de morto (v.)

depois de morto,

disse o poema

o que não se pode dizer
do poema depois de morto.

e do que se disse sobre isso do que se disse sobre isso do que se disse sobre isso,
o poema,
depois de morto,

disse

que o poema nunca tem para onde ir depois de morto,
a não ser de poema em poema, de poema em poema, de poema em poema.



Rui Silva

Sílvia Clemente

Moura encantada

Sobre o corpo estende-se uma camada de luz
À procura de encher-se de palavras,
de dar vida a esses seres que a povoam,
mas que agora são meros fantasmas, sem vida e sem rumo.
Criaturas errantes, alienadas, cadavéricas,
ceguinhas de obscuridade, famintas de emoção.

Vozes polifónicas,
numa sonoplastia inquietante e dramaticamente silenciosa.

Por instantes solta-se um ser de voz aguda
que se eleva e logo se faz corcunda.

À procura das palavras vivas e sadias
que a façam falar-se

Teresa Fonseca

há um caminho gago de ventre labelado
para um coração gardénia
e um excesso de gargalhada
a parir-se
a ir-se
a par
com os sons da linguagem
garimpando
as duas mulheres
de água à cabeça enchendo uma bilha
são duas estradas devir para ir
e duas gargantas
e gargantilhas
dois corpos a gargarejar
um ventre de duas mulheres
e duas gárgulas descentrando uma voz

há duas gárgulas descentrando uma voz
e um ventre de duas mulheres
há dois corpos a gargarejar
e gargantilhas
e duas gargantas
são duas estradas devir para ir
de água à cabeça enchendo uma bilha

as duas mulheres
garimpando
com os sons da linguagem
a par
a ir-se
a parir-se
num excesso de gargalhada
para um coração gardénia
e um caminho gago de ventre labelado

Teresa Fonseca

turismo de Sol e dariedade

a palavra dirigida a mochilas de contactos com hora branca
e desvios pretos que seguram a criança em vão
direitinhos
aos umbigos de dançarinas ao ventre
uma fotominiatura de mão branca a apertar mão negra
ao som de hino de herói em silha de câmara escura

e uma sorridente rena mecânica para aliviar necessidades
da cor
à distância de meia ardósia furtiva
desertos de mãos e uma beleza branca de passagem
res pei tosa

assim
se apanham
com
trastes

há contra luz a abacinar o símbolo
e a Multidão de pedinchona ardósia e opressiva mão
a ser tão maçadoramente genuína
para TODOS
os presentes

OH OH OH

pataca a mim pataca a ti

pataca a ti

meia colher de sobremesa de iogurte aclimatado

pataca a mim

a sensibilidade das objectivas a abrir

o apetite

pataca a ti

uma caneta preta que paralisa na ardósia

(mas só se levatares os dois bracinhos!)

pataca a mim

agora a apoteose em coro de *frère Jacques*

e os gratuitos nas fotografias a preto e branco

a enquadrá-los na ardósia preta da mão branca que segura a

fotografia

obrigada

as mãos que seguram na palavra da ardósia preta da criança

obrigada

a criança com mãos de

obrigada

na ardósia preta a segurar a palavra branca da ardósia preta com

letras brancas a segurar obrigada

a criança a palavra

obrigada

na ardósia preta a segurar as mãos da criança

às vezes
em vez do silêncio
um sentido

Índice

Editorial.....	5
João Luís Pinho	7
Anna Reckin	8
Rui Silva	20
António Alves de Almeida	21
Armando Sales Macatrão	22
Camila Vardarec	24
Rui Silva	28
espinalMedula	29
Feliciano de Mira	33
João Luís Pinho	34
Francisco Norega	35
João Miguel Henriques	36
Eduardo Conceição	39
John Mateer	40
João Luís Pinho	52
Manuel Silva-Terra	53
Rui Silva	62
Porfírio Al Brandão	63
Filipe Cravo	65
Rui Silva	66
Rose Barboza	67
Eduardo Conceição	70
Rui Tinoco	41
Filipe Cravo	74
Susana Noronha	75
A e D	82
Ana Face	83
Ana Filipa Maia	85
Ângela Canez	86

bruno santos	88
João Luís Pinho	90
Carlos Pittella	91
Rui Silva	94
crisrina néry	95
Rui Silva	96
Conceição Riachos	97
daniel matos	98
Eduardo Conceição	102
Giselle Wolkof	103
João C. Santos	104
João Rasteiro	105
Léa Barreau-Tran	108
Rui Silva	110
Licínia Regateiro	111
Luciana	113
Rui Silva	114
Margarida Amorim	115
Miguel Monteiro	116
Nelson Filipe	119
Paulo Pego	121
rita grácio	123
Rui Silva	126
Rute Oliveira	127
Sandra GD	129
Rui Silva	132
Sílvia Clemente	133
Teresa Fonseca	134







ISSN 1645 - 3662



9 771645 366004 >